Arte

A noite da arte no Palácio da Cultura

O secretário de Cultura, João Henrique promoveu uma noite memorável para a intelectualidade piauiense, na noite da última segunda-feira, no Palácio da Cultura, quando, do lançamento da revista Presença e assinatura de desapropriação do Clube dos Diários - um antigo sonho de intelectuais e artistas de Teresina.

DA MAIOR IMPORTÂNCIA

O público aplaudio de pé a vasta programação cultural apresentada no evento. O coral da Secretaria de Cultura abriu o evento com a clássica "Asa Branca", de Luiz Gonzaga, regida por Raimundo Aurélio. O Grupo de Câmara de Escola de Música de Teresina fez a segunda apresentação com a professora e pianista Verônica Lapa,roubando cena a com o erudito. Laurenice França interpretou a Bossa Nova - coisas de nosso grande Tom Jobim, acompanhada por Rubeni Miranda e Robert Ferreira. A Escola de Dança mostrou a sua luminosidade através de Socorro Barnabé e Manoel Messias. Ramsés Ramos ao piano domando o verbo dos teclados com o barítono Raimundo Pereira numa louvação aos deus das cores, Zumbi dos Palmares. O poeta Telsílio Alencar desfolhou um poema ao vento. Sônia Paranaguá, como uma rosa dos ventos ou musa de Vênus, venceu o calor dos amantes do século ao declamar o monólogo "A Morte de Saltimbanco", recebendo o calor das mãos e os olhos dos presentes.

DISCURSOS

Após a vasta programação cultural, discursaram o secretário de Cultura, João Henrique, o presidente da Academia Piauiense de Letras, professor e escritor Arimathea Tito Filho - que destacou a obra do poeta João Pinheiro. O governador Alberto Silva, emocionado e encantado com a noite da arte, lembrou o tempo em que sua mãe acariciava as teclas de um piano, executando os grandes clássicos, na tentativa de despertar os filhos para a "disciplina dos teclados". O governador deixou o Palácio da Cultura com uma certeza: O Piauí não se curva aos geradores culturais do coração do país. Com o Salão de Humor do Piauí, considerado o mais importante do país, o governador do Estado mostrou que o Piauí, é também, um embaixador cultural nos porões estrangeiros.

Na galeria de artes

O artista plástico Nonato Oliveira será o coordenador da Galeria de Artes do Theatro 4 de Setembro. Com talento e sensibilidade o artista deverá fazer uma administração de grande importância. Recentemente foi exposta na galeria uma mostra de flores e jarros, de Marilza Nogueira, em telas traçadas a óleo, não despertando tanto furor nos meios artísticas da cidade.

O Theatro 4 de Setembro dispõe de uma Assessoria de Imprensa, mas nem sempre recebemos comunicados ou matérias de seus eventos. A Casa de Espetáculos dispõe de uma grande administração, onde chegam todos os dias os principais periódicos do Sul do país, na tentativa de valorizar os que fazem cobertura jornalística naquela casa. Vamos arregaçar as mangas, pegar na máquina e partir para a batalha, enredo não falta. Quase todos os eventos promovidos pelo Theatro 4 de Setembro, recebem apoio maciço da imprensa, mas convite ou uma atenção ao profissional não funciona. É preciso mudar a mentalidade de que o profissional de imprensa é obrigado a fazer cobertura do que quer que seja.

Poesia

O BISTURI DO SOL

José Ribeiro e Silva

Marcas do tempo
na face vincada de rugas
fósseis
de segredos
e de mistérios
esculpidos na rocha da memória.

Quantos amores
e desilusões tamanhas
no jardim
vazio de rosas
e cheio de espinhos
nas hastes dos sonhos que fluíram.

Bisturi dos sol!
rasga a tenebrosa névoa
do ontem
e sufoca de luz
os portões da saudade
onde habitam as lágrimas do coração!

A PAZ DO PÂNTANO

Nas ruas da minha cidade há lições?
(É preciso aprendê-las)
Desfazer o enigma da Rua Grande,
onde os revolucionários depedraram o bonde
e apagaram os gestos dos ditadores,
numa rubra manhã de outubro.
(A malha da história sendo tecida pelas mãos operárias)
Lembrar o fantasma de um coronel loquaz
que acrescia cores às suas façanhas
e vadiava pela Rua da Estrela,
atravessando paredes,
sumindo na cinzenta da tarde.
Os paralelepípedos da Rua da Glória
tinham a densidade do sono nas tardes de verão.
Insisto:
aprender as lições que há nas ruas da minha cidade.
Na Rua Bela, era proibido amar.
(Há tempos proibem as lições de liberdade, no meu País).

Na Rua dos Negros, franceses faziam amor
com os filhos dos coronéis.
Na Rua Paissandu havia sol nos corações dos amantes.
(Paulo Machado, A Paz do Pântano)

HOMENAGEM JUSTA E MERECIDA

19 de maio/88, noite inesquecível
com festa, flores, fotografias,
filmagem, salgadinhos e discursos
homenageando aquela mestra, que
chegando ao final de sua vida
foi lembrada com carinho por
pessoas que não a esqueceram.

Homenagem justa e merecida
pela incansável luta de 40 anos
daquela professora honesta na
sua profissão junto ao magistério,
querida por suas alunas e colegas
devido seu amor pelo trabalho,
transmitindo a todos sua sabedoria.

Como estava emocionada a querida
professora, mesmo com sua idade
avançada, apresentava-se em perfeita
lucidez. Seus olhos brilhavam de
felicidade, pois jamais pensou que
depois de tantos anos esquecida, seria
de repente, alvo de tanto carinho.

Como fiquei feliz com aquela
lembrança, enchendo meus olhos
de lágrimas, pensando em anos
passados, quando a meiga professora
era festejada por suas alunas e
colegas pela passagem do seu natalício,
no qual, ofereciam-lhe flores e presentes.

A ti, estimada professora, enviamos
nosso abraço amigo, parabenizando-te
por esta data que jamais será
esquecida por todos nós. Pedimos a Deus
que ti dê paz, saúde, tudo de bom,
pois realmente és merecedora.

De Teresinha
Para Adelaide

CARTÃO DE NATAL - 1987

Carvalho Neto

E me abraças
e tremes como pássaro ferido;
e balouças
ramagem ao mais leve vento.
Ouço teu coração
ou será o meu?
Como se fora passos naturais
e definitivos.
Vejo-a vagar em campos de gerânio
na primavera de um cartão postal
que nunca recebi.
E te desejo.
E desejo a ti
à véspera de natal de 1987
nessa parte da américa
aviltada e nua,
a canção solitária e solidária
dos que não sabem cantar
só sentir; como eu, por exemplo.

O ESTADO cultural

Suplemento de O ESTADO | Teresina(pi), domingo, 19 de junho de 1988 | Não pode ser vendido separadamente

ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ
Rua Coelho Rodrigues, 1016
Fone 222-0 - Teresina - PI.

O brilho das noites juninas

Música

Wagner Tiso abre o Projeto Pixinguinha 88

O Projeto Pixinguinha 88 entrará rasgando o coração dos amantes da música popular brasileira, a partir do dia 27 de junho, às 20 horas, no Theatro 4 de Setembro, com a magia do instrumentista Wagner Tiso, a voz límpida de Leila Pinheiro - e os acordes certeiros de Marco André. O caetanista Geraldo Brito e Rosinha Amorim farão a canja do show local.

WAGNER TISO

Com uma banda de primeira linha: Maurício Gaetani (teclados), André Sperling (bateria), Mingo Araújo (percussão) e Iuri Popoff (contra-baixo) - Wagner Tiso, 43 anos, pai de Coração de Estudantes e outras canções antológicas, transportará o nosso público ao som imaginário. A poesia sairá dos teclados de Tiso fazendo morada no coração do povo brasileiro. E Wagner Tiso sabe disso. Músico da nave cigana que estilhaça em mil fiáscos de luz: uns se alimentam de sua canção e outros acordam no seu toque. Arranjador, orquestrador e tecladista, Wagner Tiso é com certeza um importante nome na música instrumental brasileira e internacional. Com o sucesso do disco Coração de Estudante, o instrumentista se assustou pela primeira vez: "Eu tinha acabado de lançar o disco e, vi que o mesmo correspondia mais aos desejos da gravadora que os meus. Eu acabaria despencando no mercadão", revelou Wagner Tiso. O músico decidiu recuar. Enclausurou-se. Nasceu Manú Caruê, que ganha a estória de Geraldinho Carneiro e trabalho gráfico de R. Gerchman. Com computador, teclados, orquestra e percussão Wagner Tiso lança a música holística, um trabalho inédito e original no Brasil.

LEILA PINHEIRO

Com 28 anos e, em plena maturidade profissional, Leila Pinheiro se diz "uma cantora independente por não concordar com o pensamento vigente na música popular brasileira". Interpretando Chico Buarque, Edu Lobo, Milton Nascimento, Guilherme Arantes e Renato Russo, a cantora seleciona criteriosamente o seu repertório, muito embora ela afirme "que não é uma artista dirigida para a elite". No Festival dos Festivais da TV Globo, defendendo a música Verde, de Eduardo Gudim e Costa Netto, Leila Pinheiro garantiu o terceiro lugar e alcançou o prêmio "revelação", surpreendendo ao público em geral.

MARCO ANDRÉ

Compositor, cantor e violonista, o paraense Marco André é o novo valor que desponta na música popular brasileira. Com 24 anos o jovem engenheiro largou os números e a régua pela carreira artística e há dois anos reside no Rio de Janeiro, onde se apresenta em diversos lugares e participa com frequência de festivais. "Tenciono fazer do meu trabalho um documento do que penso e crio em matéria de composição, pois não pretendo fazer nada para consumo imediato", revelou Marco André.

O Projeto Pixinguinha aportará em Teresina com o patrocínio: Funarte, Petrobrás. Apoio: Governo Alberto Silva, Secretaria de Cultura, Luxor Hotel do Piauí e Antárctica. Vamos aguardar e conferir a caravana da música popular brasileira.

Reportagem especial

O brilho das noites juninas

Está tudo pronto para o XII Encontro de Folguedos do Piauí, promovido pela Secretaria de Cultura - um relevante acontecimento cultural, que dá vasão às manifestações culturais piauienses: apresentações de grupos folclóricos, forrós, concurso de quadrilhas e danças, exibição de violeiros e cantadores. Exposição de artesanato, comercialização de comidas e bebidas típicas. A Prainha é o cenário: balões, luzes e cores, consagrando as raízes da cultura popular.

As manifestações culturais de um povo demonstram os mais importantes traço antropológico, no que diz respeito à participação para o desenvolvimento e síntese dos valores telúricos, tão importantes para a identidade cultural de uma sociedade.

A Secretaria de Cultura, através do secretário João Henrique com uma equipe da maior importância, objetiva o reencontro do folclore piauiense com suas origens, através da manutenção e preservação das manifestações culturais piauienses de forma a representar os genuínos valores culturais populares.

BUMBA-MEU-BOI

Uma das maiores riquezas do Encontro de Folguedos, na Prainha, será a apresentação dos grupos do Bumba-Meu-Boi, que serão atrações especiais, principalmente, para as crianças. A brincadeira do Bumba-Meu-Boi é uma história rica do nosso folclore. O compositor maranhense Papete que o diga, autor de inúmeras toadas do Bumba-Meu-Boi, lançou na música popular brasileira o disco "Bandeira de Aço", recheado de canções do folclore, como canção à Catirina, senhora de um certo negro Chico, um vaqueiro que domava o gado dos senhores de engenho.

CAPITAL DAS NOITES JUNINAS

A partir do dia vinte e quatro, a Prainha será transformada no quartel general das cantorias de boi, rojões, brincadeira de quebra ponte, concurso de pipoca, apresentação do reisado, a morte do pato, casamento de matutos, passarela de quadrilhas e outras milongas mais. Teresina se transformará na capital dos folguedos, tirando o mérito de Campina Grande, reconhecida até pouco tempo como a cidade das noites juninas. A Secretaria de Cultura segue a filosofia de que é preciso, antes de tudo, promover e fazer acontecer "cultura", em sua plenitude.

Livro

Rio Morto, Rio Velho, Rio Torto

O livro "Rio Morto, Rio Velho, Rio Torto", do poeta piauiense Wagner Castelo Branco, será vendido na Feira do Candango que realizar-se-á entre 01 e 03 de julho em Brasília-DF.

A obra poética de rara beleza que antevê a provável morte do rio Parnaíba, tem impressionado sobremaneira nossas autoridades. Agora, em sua segunda edição, traz duas novas inserções impressionantes:

— A poesia "Fausto, Valente Guerreiro", que retrata a chegada do navio do sal a Teresina, que marca o retorno da navegabilidade do rio, com uma página inteira de fotos que provam o acontecimento e um conto sobre a lenda do Cabeça-de-Cuia (Crispim).

Wagner encontra-se entusiasmado, uma vez que seu canto começa a ecoar por diferentes rincões. A Feira do Candango, é um dos acontecimentos mais concorridos da Capital Federal, sendo inclusive, prestigiada por autoridades internacionais. Parabéns Poesia!

O autor de "Rio Morto, Rio Velho, Rio Torto", poeta Wagner Castelo Branco, afirmou que o rio Parnaíba sustenta o fôlego de milhares de piauienses e "não é admissível que continuemos a aceitar que pessoas inescrupulosas continuem a devastá-lo impiedosamente por pura falta de informações".

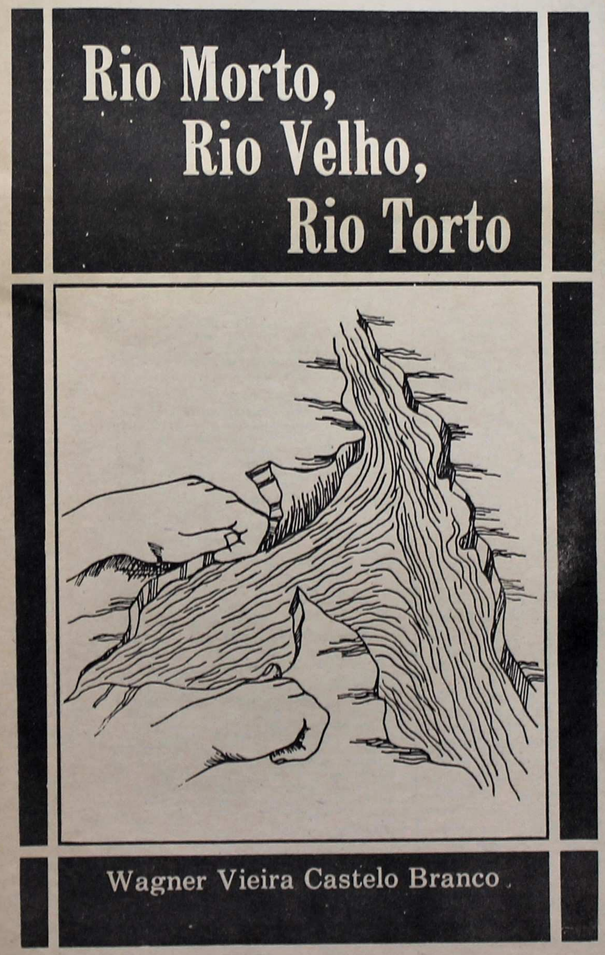
Wagner Castelo Branco quer fazer soar seu "grito de alerta" pela preservação dos recursos naturais piauienses. Reconhecendo que o governador Alberto Silva é um amante da natureza, o poeta acredita que o canto ou choro inserido em Rio Morto, Rio Velho, Rio Torto deve ser ecoado.

Para Wagner, é necessário conscientizar tanto o homem do campo como o da cidade. Afirma que "todos precisam de um carinho especial pelos rios que dão vida à nossa vida". Ele faz um alerta, revelando "se não atentarmos para esta necessidade, seremos, num futuro bem próximo, obrigados a buscar um novo espaço que nos ofereça condições condignas de sobrevivência".

A maior preocupação do poeta é que a morte lenta do rio Parnaíba é uma verdade cristalina e que, mesmo assim, "por incrível que pareça, muitos continuam a depredá-lo, o que prova que projetos de educação ambiental se fazem cada vez mais necessários no Estado".

A segunda edição de Rio Morto, Rio Velho, Rio Torto traz novas poesias, como "Fausto, Valente Guerreiro", um documentário sobre a volta da navegabilidade do rio Parnaíba. O livro traz fotografias da chegada do navio graneleiro Fausto Fernandes Silva a Teresina, além de um conto sobre a lenda do "Cabeça de Cuia", que, segundo o autor, é emocionante por retratar com rara beleza todo o contexto da peça teatral que exibe a desenvoltura do pescador "Crispim".

O poeta Wagner Castelo Branco acredita que agora sua obra está mais enriquecida, já que mostra o clamor do rio e, também, a luta do governo do Estado para salvá-lo. Ele espera, também, que os educadores compartilhem do seu "grito de alerta", inserindo sua obra em pesquisas escolares.



Wagner Vieira Castelo Branco.

Conto

Amarga é a solidão

O.G. Rego de Carvalho

Anita regressou à cidade numa manhã nevoenta, antes de findo o resguardo. Desde cedinho ameaçava chover, levando-a a um abatimento antes nunca experimentado.

Ela abandonaria o padre, logo às primeiras chuvas. Mas era preciso, uma vez que já não os ligava o menor afeto.

Quando o procurou para despedir-se e rogar-lhe que a compreendesse, não o encontrou. Quis esperar por ele, e sua mãe dissuadiu-a: o céu enegrecera, e a temperatura já baixara; convinha, pois, que seguissem imediatamente para Oeiras.

No último instante, ainda o buscou com o olhar, e, enternecida, abaixou a cabeça quando o carro partiu.

José escondera-se no quintal, de onde viu os movimentos da esposa. Por um segundo intentou pedir-lhe que ficasse. Com o inverno, poderiam cultivar juntos a terra generosa e esquecer os ressentimentos.

Isso, porém, não passou de uma fugaz lembrança. Tinha o coração sensível demais - percebia agora: somente que no fundo era covarde.

E ao sentir-se tão fraco, seus olhos puseram-se a arder, e logo irrompiam as lágrimas, impetuosas, quentes, avassaladoras.

A chuva, alheia a seu sofrimento, principiou a cair, arrastando na queda as últimas flores dos cactos. O burrico relinchou ao longe. E de repente tudo se fez mais solidão ainda.

"A Arma Solidão", Edições Corisco

Humor

Diálogo de reveillon

Madame também estava com a moringa cheia, mas - em comparação com o sujeito que a cumprimentou, podia até ser classificada de dama sóbria em festa de pileque. Quando ela passou, o cara levantou a cabeça e falou assim:

— Olá.

A dona não devia ser mulher de olá, porque olhou-o com certo desprezo e não respondeu. Já ia seguindo para atender ao chamado de um outro pilantra que lhe fez sinal, mas o que dissera olá continuou falando e ela escutou:

— Feliz 66 pra você, tá?

A dona aceitou: - Para você também.

O cara de um risinho de quem não está acreditando muito em 66. Depois pegou uma taça, botou champagne dentro e ofereceu:

— Vira esta aí, em homenagem ao cabrito que morreu.

— Você já não bebeu demais? - ela quis saber.

— Que pergunta besta, minha senhora. Isso é pergunta de mulher casada.

— Mas eu sou casada.

— Não me diga! Eu também sou. Eu sou casado às pampas - deu um soluço de bêbado e ficou balançando a cabeça, a considerar o quanto ele era casado. Em seguida esclareceu.

— Sou casado deste 1950, tá bem?

— Eu também - a dona disse.

— Que coincidência desgraçada, né? Ambos somos casados desde 1950. Você também casou naquele igrejão enorme que lá na cidade eles já tão achando pequena e estão construindo outra?

— A que estão construindo agora é a nova catedral, a que eu me casei chama-se Candelária.

— Isto mesmo: Candelária. Foi lá que eu me casei.

— Eu também.

— Também??? Puxa. Casada como eu, em 1950 como eu, na Candelária como eu. Não vai me dizer que a sua lua-de-mel foi na Europa também.

— Muita gente passa lua-de-mel na Europa - a dona ponderou.

— É isso mesmo - o cara concordou: - Lua-de-mel na Europa. Até parece que isso adianta alguma coisa.

— A luta-de-mel não depende do lugar para ser melhor ou pior. Depende do casal.

O cara deu uma risadinha e explicou: - Minha mulher sempre diz isso que você está dizendo - e tratou de encher novamente a taça. Mas aí a dona mudou o tom da conversa:

— Escuta, Eduardo, você já bebeu demais. Vamos embora.

E agarrando o marido cambaleante, levou-o para casa.

(Stanislaw Ponte Preta, 1º Festival de Besteira que Assola o País)